

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8  
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM  
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:  
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

 CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

 PORTO  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu  
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



# Índice

- 15 Prefácio  
José Morais Arnaud

## 1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)  
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?  
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004  
Vítor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas  
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino  
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal  
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes  
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*  
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves  
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

## 2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia  
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas  
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização  
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde  
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)  
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalho
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo  
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis  
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos  
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica  
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche  
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo  
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial  
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem  
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional  
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

### **3. Didáctica da Arqueologia**

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente  
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!  
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico  
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável  
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia  
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades  
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente  
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)  
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia  
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)  
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático  
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia  
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia  
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia  
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu  
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

#### **4. Arte Rupestre**

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal  
Míla Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso  
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa  
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa  
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)  
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009  
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal  
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo  
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar  
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar  
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

## 5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos  
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional  
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira  
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG  
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa  
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica  
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I  
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo  
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira  
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo  
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)  
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)  
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)  
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.  
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4º e 3º milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)  
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho  
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio  
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarde Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território  
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018  
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967  
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem  
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos  
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

## 6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão  
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado  
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 *O Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média  
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis  
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)  
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste  
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final  
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde  
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto  
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga  
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual  
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação  
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado  
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro  
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional  
Francisco B. Gomes

## 7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização  
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?  
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas  
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves  
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro  
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica  
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação  
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização  
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico  
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)  
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização  
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego  
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa  
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):  
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado  
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,  
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar  
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir  
de um estudo de caso  
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termas de *Mirobriga*  
(Santiago do Cacém)  
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária  
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte  
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval  
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)  
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016  
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole  
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)  
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /  
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia  
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus  
(Vila Nova de Gaia)  
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na  
Antiguidade Tardia  
Virgílio Lopes

## 8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas  
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /  
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /  
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média  
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII  
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica  
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica  
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas  
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão  
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD  
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)  
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela  
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense  
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal  
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média  
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém  
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)  
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa  
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade  
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

## 9. Época Moderna e Contemporânea

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas  
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa  
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa  
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos  
(Lisboa)  
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos  
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa  
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)  
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)  
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana  
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)  
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia  
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa  
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho  
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI  
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças  
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal  
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção  
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos  
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha  
do Alferes, Seixal (século XVI)  
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa  
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures  
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa  
de Época Moderna  
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos  
humanos recuperados  
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica  
na Rua da Vitória nº 15 a 17  
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna  
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT  
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia  
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel  
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário  
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário  
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo  
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA  
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial  
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras  
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico  
Xurxo Ayán Vila / José M<sup>a</sup>. Señorán Martín

# SÃO JULIÃO DA BRANCA (ALBERGARIA-A-VELHA) INVESTIGAÇÃO E VALORIZAÇÃO DE UM POVOADO DO BRONZE FINAL

António Manuel S. P. Silva<sup>1</sup>, Paulo A. P. Lemos<sup>2</sup>, Sara Almeida e Silva<sup>3</sup>, Edite Martins de Sá<sup>4</sup>

## RESUMO

O sítio arqueológico de São Julião é um povoado do Bronze Final, situado na plataforma litoral do Entre Douro e Vouga, que tem sido objeto de projetos de investigação sistemática desde 2014. As suas estruturas mais marcantes são a muralha pétreia que delimitava o recinto e um monumento megalítico, violado ou reutilizado em época moderna ou contemporânea. O espólio arqueológico integra um significativo conjunto cerâmico, objetos em pedra e metais, com destaque para um par de brincos em ouro, porventura relacionados com a evidência de metalurgia que se observa no local. Atualmente, está em curso um programa de conservação e valorização da estação arqueológica, com o apoio do Município.

**Palavras-chave:** Povoado, Idade do Bronze Final, Mamoa, Conservação e valorização, Albergaria-a-Velha.

## ABSTRACT

The archaeological site of *São Julião* is a Late Bronze Age settlement, located on the coastal platform between Douro and Vouga rivers, which has been the subject of systematic research projects since 2014. Its most striking structures are the stone wall that delimited the enclosure and a megalithic mound, violated or reused in modern or contemporary times. The archaeological collection includes a significant set of ceramics, objects in stone and metals, with emphasis on a pair of gold earrings, perhaps related to the evidence of metallurgy that is observed in the place. Currently, a site's archeological conservation and enhancement program is underway, with the support of the Municipality.

**Keywords:** Settlement, Late Bronze Age, Megalithic mound, Archaeological Conservation and enhancement, Albergaria-a-Velha.

## 1. O SÍTIO E A SUA INVESTIGAÇÃO

O povoado de São Julião (Branca, Albergaria-a-Velha) situa-se na primeira cordilheira de relevos significativos que marcam a transição entre as planícies litorais do Baixo Vouga e os contrafortes da

Serra do Arestal. Ocupa uma elevação de configuração ovalada, com cerca de dois hectares de superfície e à cota de 330 metros<sup>5</sup>, com uma excelente visibilidade envolvente, sobretudo sobre a planície atlântica (Figura 1).

Desde há muito referenciado na historiografia re-

1. CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço, Memória (Univ. Porto); Centro de Arqueologia de Arouca. Coordenador do projeto VAL-JUL; [amspsilva@hotmail.com](mailto:amspsilva@hotmail.com).

2. Centro de Arqueologia de Arouca. Investigador do projeto VAL-JUL; [paplemos@gmail.com](mailto:paplemos@gmail.com).

3. Centro de Arqueologia de Arouca. Investigadora do projeto VAL-JUL; [saralmeidasilva@gmail.com](mailto:saralmeidasilva@gmail.com).

4. Centro de Arqueologia de Arouca. Investigadora do projeto VAL-JUL; [editesa@gmail.com](mailto:editesa@gmail.com).

5. 40.770672 lat. N.; -8.470219 long. E.

gional<sup>6</sup>, a natureza e cronologia do sítio só foram estabelecidas na década de 1990, através de uma intervenção arqueológica de emergência realizada na sequência de graves destruições provocadas pela florestação mecânica para o eucaliptal. São Julião foi então caracterizado como um povoado dos finais da Idade do Bronze, delimitado perimetralmente por uma estrutura composta por muro e talude de terra e pedras, propondo-se igualmente, atenta a homogeneidade do espólio cerâmico e a pouca posse dos depósitos arqueológicos, uma ocupação de relativamente curta duração (Silva & Pereira da Silva, 1995; Silva, 1994; 2005).

Os trabalhos arqueológicos foram retomados em 2014, de forma programada, com o apoio do Município de Albergaria-a-Velha, ao abrigo de projetos de investigação desenvolvidos pelo Centro de Arqueologia de Arouca, o último dos quais – *VAL-JUL<sup>19-21</sup> – Estudo, conservação e valorização do sítio arqueológico de São Julião* – visando também a valorização arqueológica, patrimonial e ambiental do sítio (Silva & alii, 2016; 2019b).

Nesta linha, realizaram-se campanhas de escavação anuais, com uma duração de entre três a quatro semanas, envolvendo uma pequena equipa profissional e grupos de voluntários nacionais e estrangeiros, nos anos de 2014, 2015 (Silva & alii, 2015), 2016, 2017 (Silva & alii, 2017b e 2019), estando prevista a sua continuidade em 2020. Ao mesmo tempo, têm sido levadas a cabo iniciativas de divulgação da estação arqueológica, quer à escala local (Silva, 2017; Silva & alii, 2019b), quer promovendo a difusão e o debate junto da comunidade científica sobre aspetos particulares do sítio como as suas muralhas (Silva & Pereira, 2020), a cerâmica recolhida nas escavações (Almeida e Silva & alii, 2019) ou a memória oral sobre o arqueossítio (Silva & alii, 2018-2019). De outros estudos em curso, que envolvem datações radiocarbónicas, análises de paleometalurgia, composição química de pastas cerâmicas, análises arqueobotânicas, prospeção geofísica, etc., aguardam-se desenvolvimentos e oportunidade para a sua discussão e publicação.

Os trabalhos arqueológicos têm incidido, de forma mais continuada, em duas áreas do povoado: a escavação de um troço da estrutura de delimitação do sítio, no talude poente; e a escavação de uma mamoa

---

6. Para não alongar o texto, vejam-se por exemplo, sobre este aspeto, Silva, 2014; Silva & alii., 2017b e 2019b.

localizada no interior do recinto (Figura 2). Outras sondagens foram feitas na área mais central da parte preservada do sítio (sector A)<sup>7</sup>, em busca de estruturas domésticas, para já sem grande sucesso; e também no prolongamento imediato da plataforma superior para norte (sector C), uma área que tem proporcionado espólio bastante interessante mas que se encontra arruinada, em termos de estratigrafia, devido ao plantio mecânico de eucalipto (Figura 2). Neste texto concentraremos a nossa análise, no que se refere às estruturas arqueológicas, no monumento megalítico e no troço da estrutura de delimitação do sítio.

## 2. A MAMOA DE SÃO JULIÃO

A designada “mamoa 1” de São Julião foi identificada no início da década de 1990, por um de nós (A.M.S.) e Fernando A. Pereira da Silva (1953-2010), no âmbito do reconhecimento da área do povoado proto-histórico. O montículo levantava então algumas dúvidas quanto ao seu contexto funerário, quer pela parca visibilidade da couraça, pela abundante vegetação e acumulação de sedimentos, quer por se encontrar imediatamente contígua a duas grandes crateras de exploração de pedra. Observações posteriores levaram Pereira da Silva a confirmar a identificação do monumento, que considerou de tradição megalítica, descrevendo-o como um *tumulus* com um diâmetro de pouco mais de 12 metros, coberto por couraça lítica e com dupla violação, propondo, pela morfologia mais ampla das violações, que a mamoa poderia ter encerrado “um dólmen de corredor curto” (Pereira da Silva, 1996, pp. 214-5).

No âmbito dos projetos de investigação que têm enquadrado a segunda fase de trabalhos arqueológicos, surgiu a possibilidade de avaliar e estudar este monumento megalítico, aferir o seu contexto crono-cultural e avaliar as suas características construtivas. A síntese dos resultados dessa pesquisa considera sequencialmente os dados relacionados com o *tumulus*, ou montículo funerário e, seguidamente, a área central do monumento (Figuras 3 e 4).

---

7. Uma ação de ripagem mecanizada do terreno, em 1992, destruiu por completo cerca de metade da plataforma onde está instalado o povoado, e, desde então, a quase totalidade dos terrenos circundantes, implicando, igualmente, parte da área arqueológica.

### 2.1. *Tumulus*

As escavações permitiram identificar um *tumulus* de planta subcircular (ligeiramente ovalado segundo um eixo sudeste-noroeste), com um diâmetro máximo a rondar os 14 m (Figuras 3 e 4). Destaca-se também a sua pouca altura, que não ultrapassa, em média, os 0.50 m, podendo admitir-se talvez um máximo de 0.70 ou 0.80 m para o topo do monumento, atendendo aos processos erosivos pós-deposicionais e outras ações que terá sofrido ao longo do tempo.

O monumento encontra-se totalmente revestido por uma couraça pétreia, com exceção das áreas perturbadas pela vegetação e outras ações modernas. A litologia predominante do montículo traduz-se por blocos de média e pequena dimensão de granito local, observando-se, no entanto, uma quantidade apreciável de calhaus de quartzo. Poderá verificar-se, eventualmente, a seleção intencional desta matéria-prima para a sua inserção em determinadas áreas do montículo, e consequente associação entre matérias visualmente contrastantes (Silva *et alli*, 2017a).

No sector es-nordeste do *tumulus*, para onde “abre” o incipiente “corredor” da zona da câmara, observa-se uma interrupção da couraça, aparentemente até ao exterior do montículo<sup>8</sup>; mas como a área possui abundantes raízes arbóreas, que perturbaram o subsolo, não é ainda possível interpretar com segurança esta descontinuidade como um “corredor” de acesso ou mera perturbação. Em certos pontos da couraça assinalam-se alguns blocos cuja morfologia e dimensões sugerem que poderiam ter sido esteios constituintes da câmara sepulcral, eventualmente deslocados da sua posição original, mas esta possibilidade requer ainda confirmação (Silva & *alli*, 2018a; Silva & *alli*, 2019a).

Os trabalhos mais recentes permitiram detetar um anel lítico periférico, composto por pedras de granito e ocasionais elementos em quartzo, com uma largura de cerca de dois metros. A sua implantação foi precedida pela colocação de um depósito de preparação e nivelamento, diretamente sobre a rocha de base, eventualmente nos locais onde a mesma não foi afeiçoada ou regularizada para o efeito, conferindo desta forma uma maior sustentabilidade estru-

tural a este elemento arquitetónico. Apesar de não ser possível apurar na íntegra, por ora, o processo de preparação do solo levado a cabo para receber a estrutura, os dados de que dispomos atestam um cuidado planeamento e faseamento construtivo, bem como a sua adaptação e articulação com as características morfológicas do terreno (Silva & *alli*, 2019a).

### 2.2. Área central do monumento

A intervenção na área central da estrutura, onde se localizaria uma eventual câmara sepulcral, revelou surpresas e consideráveis desafios interpretativos, resultantes de grandes perturbações ocorridas em época moderna/contemporânea.

Após os trabalhos superficiais de limpeza e da decapeamento de um nível de saibro granítico de aparente aspeto natural, observou-se uma vala preenchida por uma espécie de “anel lítico”, composto por blocos de pedra de maiores dimensões que a pareciam delimitar. Ainda foi colocada a hipótese desse anel lítico, rebaixando um pouco a cota basal do monumento, ter tido funções de contrafortagem de uma câmara sepulcral megalítica ou submegalítica, entretanto desmantelada e removida, ou simplesmente de delimitação simbólica do espaço. Porém, sob estas estruturas, colmatadas (quase diríamos, pela aparência, “condenadas”, na aceção simbólica que se dá a este termo nestes contextos pré-históricos) por inúmeros blocos de pedra de pequena e média dimensão, observou-se uma segunda fossa, também escavada no nível geológico natural, de configuração subquadrangular, com ângulos arredondados, medindo regularmente 1.80 x 1.80 m e com orientação OSO-ENE, a considerar-se este parâmetro (Figura 5).

A escavação desta fossa inferior, cujo topo estava também colmatado por blocos de pedra de pequena e média dimensão (aparentemente da litologia local, sem seleção evidente) viria a revelar que a fossa se encontrava seccionada transversalmente, sensivelmente pela metade, no sentido aproximado sudeste-noroeste, por um murete de três fiadas de pedras, sobrepostas sem qualquer ligante e que não atingiam o fundo da fossa, assentando ainda sobre sedimentos (Figura 5). Na sua metade es-nordeste, a fossa estava superiormente capeada por um pavimento em saibro pisado, relativamente compacto; a “metade” oposta da estrutura negativa achava-se preenchida por cinco depósitos de terra e pedras. Importa recordar, como se disse, que o “murete” septal não atin-

8. Curiosamente, também F. A. Pereira da Silva – talvez induzido pela maior destruição ou abaixamento da couraça nessa parte do *tumulus* – sugeriria que o pequeno corredor da sepultura megalítica poderia abrir para um “átrio” (1996, p. 214).

gia a base da fossa, apoiando-se em três depósitos sedimentares linearmente sucedâneos (Silva & *alli*, 2018a; Silva & *alli*, 2019a).

A escavação destes depósitos, incluindo a desmontagem parcial do murete intermédio, forneceu escasso espólio arqueológico e, surpreendentemente, praticamente todo de cronologia moderna ou contemporânea, essencialmente fragmentos de material de construção (telha). Os níveis [113] a [115], subjacentes ao piso em saibro (UE 090) não revelaram conteúdo artefactual; o murete [89] apenas um fragmento de telha e os seis depósitos subjacentes ao murete proporcionaram a recolha de 32 fragmentos de cerâmica moderna/contemporânea. Apenas foi registado um pequeno fragmento de cerâmica proto-histórica (afim da do povoado), no nível basal [125], mas coexistindo com seis fragmentos modernos; e no depósito [88] recolheu-se um geométrico em sílex, que todavia estava “acompanhado” por 14 fragmentos de telha e outra louça moderna (Silva & *alii*, 2017a; 2018a; 2019b).

Ou seja, a avaliar pelo espólio recolhido nesta estranha fossa, temos de admitir duas interpretações possíveis: ou a fossa – e as ações construtivas correlatas – é de cronologia moderna/contemporânea (precisemos, entre os séculos XVIII e XX) e no mesmo intervalo cronológico foi abandonada e/ou colmatada; ou a fossa é de cronologia pré ou proto-histórica e foi, em tempos modernos, reutilizada – incluindo a construção do murete septal e o respetivo “meio-piso” superior – e posteriormente abandonada e atulhada com depósitos de aterro modernos/contemporâneos.

Na verdade, esta estranha súpula de ações antrópicas dificulta uma cabal interpretação dos dados, pelo que apenas nos é permitido, por ora, sustentar algumas hipóteses interpretativas para a compreensão deste ambiente e dos seus diferentes momentos construtivos, de eventual reformulação e, certamente, de violação/destruição/reutilização (?). Equaciona-se, assim, a possibilidade de ter sido ali erigida uma câmara submegalítica ou cistóide (atendendo à tipologia das lajes aparentemente deslocadas e presentes no montículo), ou alongada e sem corredor, ou com um corredor muito incipiente, o que em conjunto com as restantes características arquitetónicas do *tumulus* poderia corresponder a um monumento inserível cronologicamente no 3º milénio ou no início do 2º milénio (Calcolítico/Bronze Inicial) (Silva & *alli*, 2018a; 2019a).

Ainda que esteja em aberto a hipótese da fossa subquadrangular ter integrado o conjunto sepulcral original, possibilidade que conta com alguns paralelos regionais (Jorge, 1985; Pereira da Silva, 1992; Carvalho, 2016), ou que a mesma estrutura possa, em alternativa ter resultado de uma reapropriação/reutilização coeva da ocupação do povoado no Bronze Final, não restam dúvidas – como atrás se explica – de que as ações patentes no seu enchimento evidenciam a sua violação/destruição/reutilização, ocorrida provavelmente entre os séculos XIX e XX, fosse no âmbito das explorações das pedreiras próximas ou da utilização do posto de telegrafia ótica que ali existiu<sup>9</sup>. Temos também de admitir, como terceira possibilidade, que a própria fossa subquadrangular seja de época histórica e que possa ter tido uma funcionalidade, que de todo nos escapa por enquanto, porventura associada a estes últimos eventos. Se assim foi, tal ação pode ter implicado o saque total dos esteios da presumível câmara ou cista e/ou de uma eventual fossa/covacho associados, de menores dimensões, o que é já especulativo (Silva & *alli*, 2019a).

O espólio proveniente do monumento, considerando também a área do *tumulus*, acentua as dificuldades interpretativas, pois os materiais exumados são, na sua grande maioria, de cronologia moderna/contemporânea. A sua prevalência verifica-se quer nas áreas genéricas da mamoa, quer nos depósitos de enchimento da fossa central, como vimos. A escassez de espólio coevo do monumento ou mesmo da ocupação do povoado constitui, talvez, a problemática mais desafiadora, atendendo à sua percentagem diminuta e à evidência de grandes perturbações da estratigrafia original. A par das poucas cerâmicas que deverão integrar-se nos mesmos horizontes da ocupação do final da Idade do Bronze, destaca-se a ocorrência de algumas lâminas e lamelas em sílex, um bloco de quartzo com levantamentos e um geométrico (Silva & *alli*, 2019a). Admite-se, com as devidas reservas, decorrentes dos factores referidos, que os artefactos em pedra talhada poderão ser os

---

9. De onde resulta o microtopónimo «*Talégre*» usado pela população local para referenciar o monte. O posto do “Alto da Branca” terá sido instalado no contexto da guerra civil liberal, e deverá ter funcionado pelo menos até meados do século XIX. Desconhece-se qual o sistema utilizado (telégrafo de persianas, de ponteiro ou outro) e que tipo de construção ou dispositivos de apoio implicou.

únicos elementos artefactuais eventualmente integrantes no espólio votivo e na ambiência crono-cultural desta estrutura funerária pré-histórica – ou, pelo menos, da fruição mais remota da sua biografia (Figura 6).

### 3. A ESTRUTURA DE DELIMITAÇÃO DO POVOADO

A presença de *muralhas* em São Julião encontra-se registada desde, pelo menos, as *Memórias Paroquiais* de 1758 (Azevedo, 1896, p. 313), acompanhando também as primeiras interpretações de pendor arqueológico do sítio (Gomes, 1877, p. 69; Souto, 1942, p. 31; Almeida, 1946, p. 42) com textos descritivos e, por vezes, imagens, que evidenciavam que tal estrutura mostrava à época ainda alguma imponência (Silva *et al.* 2017b, p. 25). Reconhecida também nos trabalhos de 1993-1994 (Pereira da Silva & Silva, 1993; 1994; Silva & Pereira da Silva, 1995), a estrutura de delimitação do povoado, identificada em especial na encosta oeste, foi, durante os trabalhos dos projetos de investigação PROBA e PROBA<sup>+</sup>, e, agora, VAL-JUL, alvo de novas intervenções.

Em 2014 procedeu-se à limpeza da área sondada nos trabalhos dos anos ‘90 e à abertura de uma nova sondagem, com o objetivo de caracterizar melhor a estrutura murária. Os trabalhos demonstraram a perturbação dos depósitos subjacentes à estrutura de delimitação, na sequência de ações de plantio recentes, verificando-se ainda que a mesma tinha sido reformulada em época moderna/contemporânea. Contudo, foi possível identificar dois depósitos relacionados com a construção da estrutura, tendo, de um desses depósitos, sido recolhida uma amostra de sedimentos que possibilitou a datação de um carvão de medronheiro. A data obtida (976-826 a.C.) aponta um *terminus post quem* para a edificação desta estrutura (Quadro 1). Em 2015, os trabalhos realizados permitiram a identificação, a Este, de um possível muro, bastante desmantelado, constituído por blocos de granito de médio calibre, relativamente aparelhados, sem qualquer ligante, ostentando cerca de dois metros de largura, com enchimento de terra e pedras de diferentes calibres. Entre 2016 e 2019 procedeu-se a diversos alargamentos da superfície escavada, afinando-se a compreensão do processo construtivo da estrutura de delimitação, exumada já numa extensão de 24 m, numa superfície total de 176 m<sup>2</sup>.

Dos trabalhos realizados podemos afirmar que o povoado era dotado, aparentemente desde a sua origem, de uma estrutura de delimitação que, muito possivelmente, rodeava toda a plataforma superior do cabeço de São Julião, tal como sugerido pela bibliografia mais antiga. Infelizmente, em resultado da florestação e outras ações humanas, apenas é visível, atualmente, na encosta poente da plataforma. Podemos caracterizar a estrutura de delimitação como sendo composta por duas partes complementares. A primeira, um muro composto por pedra seca, integrando essencialmente blocos de granito de pequenas a grandes dimensões, com face externa relativamente alinhada e espessura de 3,5 m. A “face interna” deste muro pétreo não é muito evidente, embora se note uma concentração de blocos de maior dimensão, que poderão ter funcionado como “fecho” da estrutura (Figuras. 6 e 7). Não temos elementos para estimar o seu alçado original, que temos reconstituído graficamente com uma altura a rondar os dois metros (Silva & *alii*, 2016; 2016b; Silva & Pereira, 2020). A segunda, por sua vez, refere-se a uma estrutura interna, caracterizada por um talude constituído por terras e pedras em declive, adossado ao muro anterior, servindo quer de contraforte, quer de rampa de acesso ao topo do muro externo. A circunstância dos depósitos inferiores deste talude assentarem parcialmente sobre a estrutura basal do muro exterior sugere que ambos os elementos de delimitação, muro e talude, tenham feito parte do mesmo projeto construtivo, de que parece ter resultado, em síntese, uma espessa linha de delimitação, com cerca de quatro ou cinco metros de espessura total. O que, entretanto, podemos sublinhar é o grande interesse desta estrutura de contenção, como exemplo da diversidade dos dispositivos e arquiteturas que delimitavam os povoados desta época na região, considerando, por exemplo, os casos próximos dos sítios da Cividade ou do Senhor dos Aflitos, em Arouca (Silva & Leite, 2010; Silva & *alii*, 2018b; Silva & Lemos, 2018; Silva & Pereira, 2020), mas também os de outros povoados com menos documentação, situação que, aliás, se regista também à escala do norte do país (Bettencourt & Sanches 1998; Bettencourt, 2000; Vieira, 2014).

### 4. ESPÓLIO ARQUEOLÓGICO

Ascendem já a cerca de 22 000 objetos as recolhas de materiais resultantes das campanhas de 2014 a

2019, sendo naturalmente mais volumoso o espólio cerâmico, que acusa uma assinalável homogeneidade, resultante talvez da relativamente curta diacronia de ocupação do sítio. Entre os outros itens destacam-se os artefactos líticos, em pedra talhada e polida e alguns objetos metálicos, com realce para um par de brincos áureos (Figura 8).

No que respeita à olaria (Almeida e Silva & *alli*, 2018-19; SILVA & *alli*, 2015, pp. 84-5; Silva & *alli*, 2017b, pp. 32-4), apesar do elevado grau de fragmentação do espólio, tem vindo a ser possível reconhecer algumas tipologias formais (Almeida e Silva & *alli*, 2018-19, pp. 28-31), sobretudo em virtude dos trabalhos realizados na zona C (Figura 2), onde a concentração de cerâmica proto-histórica é bastante superior, comparativamente a outras áreas do povoado. São sobretudo potes e potinhos, com diferentes tipos de bordo, aos quais se somam algumas taças carenadas (Figura 8 – 2), também de diferentes tipologias, e alguns recipientes de maiores dimensões destinados ao armazenamento, identificando-se também a presença de uma queijeira ou coador. O número residual de asas recolhido indica que não seriam muito abundantes as formas com elas (Figura 8 – 1). Fora do reportório de uso alimentar está um conjunto de elementos relacionados com a metalurgia do bronze<sup>10</sup>, no qual se inserem cadinhos e moldes de fundição (Figura 8 – 5 a 7), o que sublinha a importância regional deste sítio do Bronze Final, bem como um cossoiro e um peso, talvez de rede.

A cerâmica de São Julião apresenta maioritariamente produção manual, cozedura mediana ou má, pastas arenosas ou areno-micáceas, sendo as primeiras pouco depuradas. As superfícies não apresentam tratamento cuidado, salvo raras exceções, não sendo também frequente a decoração (Almeida e Silva & *alli*, 2018-19, pp. 14-25), que surge maioritariamente sobre os lábios ou já na superfície interna, através de incisões ou impressão de dedadas (Figura 8 – 1 e 4), e sobre as panças, aí sob a forma maioritária de caneluras (Figura 8 – 14). Se em alguns casos parece evidente a intenção ornamental, outros há em que

10. Chegamos a considerar estes elementos, caracterizados por pastas de tonalidade bege-acinzentada, bastante depuradas, como possíveis peças de importação (Almeida e Silva *et alli*, 2018-19, p. 14). Apenas com o desenrolar dos trabalhos, e o surgimento de mais elementos, foi possível perceber que se tratava de moldes para fundição, não tendo sido ainda possível apurar a proveniência da argila utilizada na sua produção.

ligeiras caneluras ou linhas incisivas poderão resultar apenas do tratamento de superfície, por vezes aparentemente feito com escova. As linhas incisivas são comuns, dispendo-se por vezes em aspa ou zig-zague e, mais raramente, em padrão geométrico (Figura 8 – 10, 12). Verifica-se a existência de um fragmento com incisão pós-cozedura (Figura 8 – 11), e de outros decorados com pequenos punctionamentos e outros motivos impressos (dedadas, círculos, motivos subtriangulares, etc.) (Figura 8 – 13). O brunido é bastante raro como acabamento, estando representado apenas por um exemplar, de alta qualidade (Figura 8 – 9).

São pouco mais de uma centena os objetos em pedra recolhidos no povoado (SILVA & *alli*, 2015, p. 85; SILVA & *alli*, 2017b, p. 34). Entre os elementos polidos surgem os relacionados com a moagem (dormentes e moventes de mós manuais), alguns amoladores, uma goiva, um machado e um conjunto significativo de pesos de rede, obtidos através de duplo entalhe paralelo sobre seixo de rio. Já entre os objetos produzidos através de talhe (Figura 9 – 1 a 10), sob quartzo ou sílex, destacam-se as lâminas (Figura 9 – 6 a 8), algumas lamelas e lascas (Figura 9 – 1 a 5) e dois geométricos (Figura 9 – 9 e 10), ambos recolhidos na zona da mamoa.

Relativamente aos metais (SILVA & *alli*, 2017b, p. 34) verifica-se a presença de seis objetos enquadáveis no Bronze Final<sup>11</sup>, sendo quatro em bronze e dois em ouro (Figura 9). Dois dos objetos em bronze são de dimensões diminutas, não sendo possível apurar a sua funcionalidade (Figura 9 – 13 e 14); um outro corresponde a um aro de uma possível bracelete ou objeto de adorno (Figura 9 – 12), e o restante a uma lâmina (Figura 9 – 11). Quanto às peças em ouro (Figura 9 – 15 e 16), um par de brincos, apresentam-se muito similares entre si, tendo sido produzidos através de fio de ouro maciço, dobrado em argola aberta, com secção ovalada e superfícies levemente facetadas, medindo cerca de 15 mm e pesando 6 g. cada. Não é esta a ocasião discutir contextos, significados ou cronologias destas peças áureas, usualmente classificadas da 1ª Idade do Ferro, ou seja, globalmente entre os séculos VIII-VII e V a.C., mas deverá anotar-se que são conhecidas apenas oito objetos similares em todo o País, todos provenientes da Estremadura: dois brincos da Boiça do Louro, Cadaval, outros

11. Havia sido recolhido, também, um ceutil de D. Afonso V (1438-1481).

dois da Boiça, Alcobaça e finalmente quatro do Casal das Passadeiras, Torres Vedras, sendo que apenas o último achado tem contexto arqueológico, uma vez que apareceu em conjunto com outras peças áureas (Silva, A. R., 2014).

## 5. A VALORIZAÇÃO DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO

O projeto de conservação e valorização, iniciado em 2020, em colaboração com o Município local, que tem financiado integralmente os trabalhos e procedeu à aquisição dos terrenos melhor conservados da estação arqueológica, visa assegurar a conservação e acessibilidade dos vestígios arqueológicos e a valorização das memórias da antropização do sítio em vários planos cronológicos, desde a pré-história (mamoas), passando pela Idade do Bronze até aos tempos modernos, marcados pela exploração artesanal de pedreiras ou pela instalação de um posto de telegrafia ótica no segundo quartel do século XIX, episódio que perpetuou a designação microtoponímica de «Alto do Talégre» aplicada ao local.

Em colaboração com uma associação da região, a BioLiving, pretende-se também intervir para a requalificação ambiental do sítio, que inclui a desflorestação das espécies exógenas de crescimento rápido e a promoção do coberto florestal e arbustivo autóctone. Desta forma, o programa de investigação arqueológica complementar-se-á com a «devolução» à comunidade, com valor acrescido, dos conhecimentos obtidos, preservando e requalificando o património cultural e potenciando novas áreas de saber e lazer (Silva & alii, 2019b).

## 6. NOTA FINAL

Para além dos valores patrimoniais que, desde cedo, se anteviu que poderiam crescer significativamente ao sítio no plano regional, a estação arqueológica de São Julião tem vindo a suscitar importantes questões no plano do conhecimento da proto-história do Centro e Norte de Portugal. Para tal concorrem, como elementos maiores, a sua muralha (ou de forma menos bélica, como preferimos dizer, “estrutura de delimitação”), que é já um referencial de investigação à escala regional; e a estranhíssima mamoa “acolhida” dentro do povoado. Estranha pela sua localização incomum, pelos diálogos de ritual e simbólica que certamente “entabulou” com os antigos residentes;

estranha sobretudo pela insólita reutilização da sua área central, primordialmente sepulcral, se bem que disso não reste qualquer vestígio arquitetónico.

Mas não deixa, igualmente, de suscitar ricas questões ao historiador dos tempos sem escrita a natureza do “povoado” e dos seus lares e dispositivos do quotidiano. Da aldeia de cabanas singelas em que durante alguns séculos se multiplicaram famílias e alimentaram gerações, a invisibilidade estrutural é quase absoluta. Apenas por indícios indiretos se chega ao quotidiano e às gentes que habitaram aqueles altos: os restos de barro mal cozido que calafetavam as ramagens das cabanas ou pavimentavam o chão onde a família se aquecia à lareira, as mãos onde grosseiramente se triturava o ralo pão, os utensílios de pedra lascada ou polida, reutilizados dos antepassados para novos usos e funções, um raro cossoiro a atestar a fição de alguma fibra animal ou vegetal. Mas o “novo” e o excepcional também ali tinham lugar – e porventura com uma expressão que ainda nem conseguimos antever: acumulam-se os objetos que testemunham a prática metalúrgica em São Julião, e o par de brincos áureos recorda-nos os signos de poder e hierarquia que o próprio trabalho dos metais já anuncia.

Enquanto se aguardam os resultados de novas datações por Carbono 14, interessa destacar a extraordinária homogeneidade daquelas já disponíveis (Quadro 1), uma relacionada com a construção da muralha (Sondagem 2), a segunda numa área bastante perturbada mas de onde procedem relevantes itens de espólio, ambas apontando para um horizonte de ocupação em pleno “Bronze Final Atlântico”, entre os séculos X e IX a.C.

## BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, João de (1946) – *Roteiro dos monumentos militares portugueses*. II. Lisboa: Ed. A., pp. 40-2.

ALMEIDA E SILVA, Sara; SILVA, António Manuel S. P.; LEMOS, Paulo A. P.; PEREIRA, Gabriel R. (2018-2019) – Cerâmica proto-histórica do povoado de São Julião (Albergaria-a-Velha): estudo preliminar. *Oppidum – Revista de Arqueologia, História e Património*, 11, Lousada, pp. 9-36.

AZEVEDO, Pedro A. (1896) – Extractos archeologicos das Memórias Parochiais de 1758. *O Archeólogo Portuguez*. 2. Lisboa, pp. 305-18.

BETTENCOURT, Ana M. S. (2000) – *Estações da Idade do Bronze e inícios da Idade do Ferro da Bacia do Cávado (Norte de Portugal)*. Braga: Universidade do Minho.

BETTENCOURT, Ana M. S.; SANCHES, Maria J. (1998) – Algumas questões sobre a Idade do Bronze do Norte de Por-

- tugal. In FÁBREGAS, R. (ed.) – *A Idade do Bronze em Galicia: novas perspectivas*. A Coruña: Edícios do Castro: 13-45.
- CARVALHO, Pedro M. S. (2016) – *Taco a Taco: a história de dois monumentos*. Albergaria-a-Velha: Câmara Municipal.
- GOMES, João Marques (1877) – *O Districto de Aveiro: Notícia geographica, estatística, chorographica, heraldica, archeologica* . . . Coimbra: Imprensa da Universidade.
- JORGE, Vítor O. (1985) – Les *tumulus* de Chã de Santinhos (ensemble mégalithique de Serra da Aboboreira, Nord du Portugal). *Arqueologia*, 12. Porto, pp. 96-128.
- PEREIRA DA SILVA, Fernando A. (1992) – A Necrópole Megalítica do Taco (Albergaria-a-Velha). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. 32, Porto, pp. 263-292
- PEREIRA DA SILVA, Fernando A.; SILVA, António Manuel S. P. (1993) – *Estação arqueológica de S. Julião (..). Relatório da 1ª. Campanha de Escavações (abril de 1993)*. Oliveira de Azeméis. Texto dactilografado
- PEREIRA DA SILVA, Fernando A.; SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Estação arqueológica de S. Julião (..). Relatório da 2ª. Campanha de Escavações*. Oliveira de Azeméis. Texto datilografado.
- PEREIRA DA SILVA, Fernando A. (1996) – *Megalitismo a Sul do Douro: Bacias do Vouga e Alto Paiva. Práticas funerárias no Centro-Norte Litoral de Portugal durante a Pré-história Recente*. 1.2 – *Tumuli do Centro-Norte Litoral: Inventário*. Tese de Doutoramento inédita, em preparação para apresentação na Universidade do Porto.
- SILVA, Ana R. Vaz (2014) – *Leituras sobre Ourivesaria Arcaica Portuguesa. Brincos, Contextos e Expressão Territorial*. Coimbra. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- SILVA, António Manuel S. P. (1994) – *Proto-história e Romanização no Entre Douro e Vouga Litoral. Elementos para uma avaliação crítica*. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- SILVA, António Manuel S. P. (2005) – Povoamento proto-histórico no Entre Douro e Vouga Litoral: a estruturação do *habitat*. I – Arquitectura dos castros. In *Castro, um lugar para habitar. Colóquio* [Cadernos do Museu, 11]. Penafiel: Museu Municipal, pp. 167-188.
- SILVA, António Manuel S. P. (2014) – Dos vestígios do passado ao património arqueológico. Algumas reflexões sobre a Arqueologia de Albergaria-a-Velha. *Albergue. História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha*. 1. Albergaria-a-Velha, pp. 27-60.
- SILVA, António Manuel S. P. (2017) – O povoado proto-histórico de São Julião da Branca. In FERREIRA, Delfim B. (coord.) – *900 Anos. Albergaria-a-Velha. 1117-2017. Das origens a Osselo. Exposição*. Albergaria-a-Velha: Câmara Municipal, pp. 8-14 (não pag.).
- SILVA, António Manuel S. P.; LEITE, Joana N. (2010) – The place of Cividade. An approach to Late Bronze/Iron Age transition in Arouca valley (NW Portugal). In BETTENCOURT, A. ; SANCHES, M.; ALVES, L.; FABREGAS VALCARCE, R. (eds.) – *Conceptualizing space and place. On the role of agency, memory and identity in the construction of space from the Upper Paleolithic to the Iron Age in Europe*. (Proc. of the 15<sup>th</sup> Crongress of UISPP). Oxford: Archaeopress, pp. 153-60.
- SILVA, António Manuel S. P.; LEMOS, Paulo A. P. (2018) – Sondagem arqueológica no povoado da Idade do Bronze do Senhor dos Aflitos (Arouca, Centro-Norte de Portugal). In HERNÁNDEZ GUTIÉRREZ, N.; LARRAZABAL GALARZA, J.; PORTERO HERNÁNDEZ, R. (coord.) – *Arqueologia en el valle del Duero: del Paleolítico a la Edad Media 6 – Actas de las VI Jornadas de Arqueología del valle del Duero*. Valladolid: Glyphos, p. 191-203
- SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R. (2020) – Walls and Castros. Delimitation structures in the Proto-historic settlements of Entre Douro and Vouga region (Center-North of Portugal). In DELFINO, D.; COIMBRA, F. CARDOSO, D.; CRUZ, G. – *Late Prehistoric Fortifications in Europe: Defensive, symbolic and territorial aspects from the Chalcolithic to the Iron Age*. Oxford: Archaeopress, pp. 215-228.
- SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA DA SILVA, Fernando A. (1995) – O Povoado de S. Julião (Branca, Albergaria-a-Velha, Aveiro). In SILVA, Isabel (coord.), *A Idade do Bronze em Portugal. Discursos de poder*. Lisboa: Instituto Português de Museus, p. 123.
- SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; LEMOS, Paulo A. P.; ALMEIDA e SILVA, Sara (2015) – Escavações arqueológicas em São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha). Campanhas de 2014-2015. *Albergue. História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha*. 2. Albergaria-a-Velha, pp. 59-91.
- SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; TAVARES, João T.; LEMOS, Paulo A. P.; ALMEIDA E SILVA, Sara (2016) – Proto-história da Bacia do Antuã (2011-2015) – um projeto de investigação arqueológica em rede. *Patrimónios de OAZ*. Nº o. Oliveira de Azeméis: Câmara Municipal, pp. 77-96.
- SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; LEMOS, Paulo A. P.; ALMEIDA E SILVA, Sara (2017a) – Proto-história da Bacia do Antuã [Projeto de Investigação Arqueológica 2016-2017]. Povoado de São Julião | Albergaria-a-Velha. Aveiro. Relatório da 4ª Campanha de Trabalhos Arqueológicos. Texto policopiado.
- SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; LEMOS, Paulo A. P.; ALMEIDA E SILVA, Sara (2017b) – São Julião da Branca e o povoamento do Entre Douro e Vouga na transição entre a Idade do Bronze e a Idade do Ferro. *Albergue. História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha*. 4. Albergaria-a-Velha, pp. 15-40.

SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; LEMOS, Paulo A. P.; ALMEIDA E SILVA, Sara (2018a) – *Proto-história da bacia do Antuã* (...). Povoado de São Julião, Albergaria-a-Velha, Aveiro. Relatório da 4ª. campanha de trabalhos arqueológicos. Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca. Texto policopiado.

SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; LEMOS, Paulo A. P.; ALMEIDA E SILVA, Sara (2018b) – A Idade do Bronze na margem sul do Baixo Douro – sítios e pistas de investigação. In HERNÁNDEZ GUTIÉRREZ, N.; LARRAZABAL GALARZA, J.; PORTERO HERNÁNDEZ, R. (coord.) – *Arqueologia en el valle del Duero: del Paleolítico a la Edad Media 6 – Actas de las VI Jornadas de Arqueología del valle del Duero*. Valladolid: Glyphos, pp. 92-117.

SILVA, António Manuel S. P.; PEREIRA, Gabriel R.; LEMOS, Paulo A. P.; ALMEIDA E SILVA, Sara (2019a) – Proto-história da Bacia do Antuã. [Projeto de Investigação Arqueológica 2016-2018]. Povoado de São Julião| Albergaria-a-Velha. Aveiro. Relatório da 5ª Campanha de Trabalhos Arqueológicos. Texto policopiado.

SILVA, António Manuel S. P.; SÁ, Edite M.; LEMOS, Paulo; ALMEIDA E SILVA, Sara (2019b) – Projeto de valorização do sítio do Alto do Talégre/São Julião (Branca, Albergaria-a-Velha). Investigar o Passado e (re)construir memórias. *Albergue. História e Património do Concelho de Albergaria-a-Velha*. 6. Albergaria-a-Velha, pp. 23-34.

SILVA, António Manuel S. P.; LEMOS, Paulo A. P.; ALMEIDA E SILVA, Sara; SÁ, Edite (2020) – *Estudo, Conservação e Valorização do sítio arqueológico de São Julião*. Branca, Albergaria-a-Velha, Aveiro. Relatório da 6ª. campanha de trabalhos arqueológicos. Arouca: Centro de Arqueologia de Arouca. Texto policopiado

SOUTO, Alberto (1942) – Romanização no Baixo Vouga. Novo “oppidum” na zona de Talábriga. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 9(4). Porto, pp. 283-328.

VIEIRA, Alexandra (2014) – Alguns dados para o estudo da Idade do Bronze do Norte de Portugal. In *A Idade do Bronze em Portugal: os dados e os problemas*. Tomar: Instituto Politécnico de Tomar: 52-101.

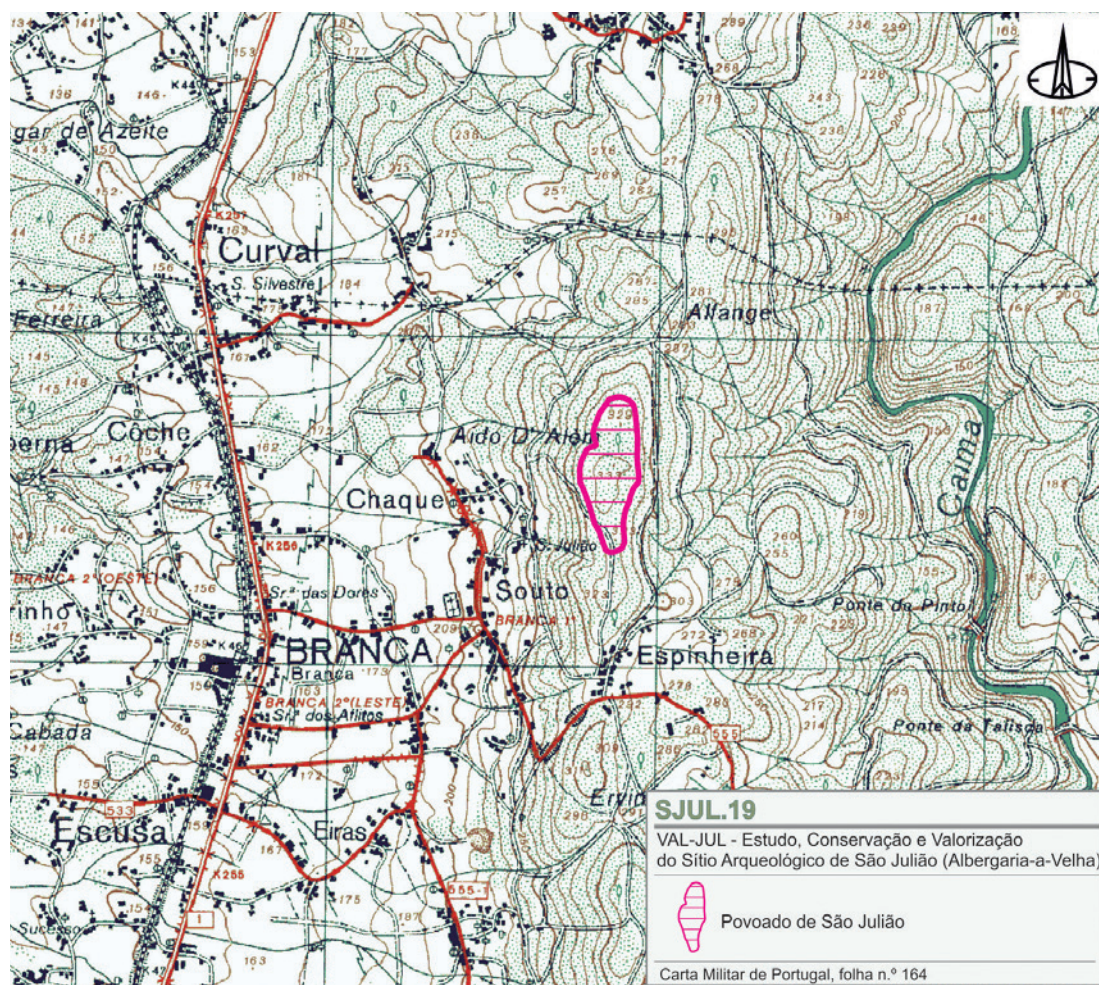


Figura 1 – Implantação do sítio arqueológico na Carta Militar de Portugal (Folha n.º 164), à escala 1:25000 (reduzida), com demarcação da plataforma superior.

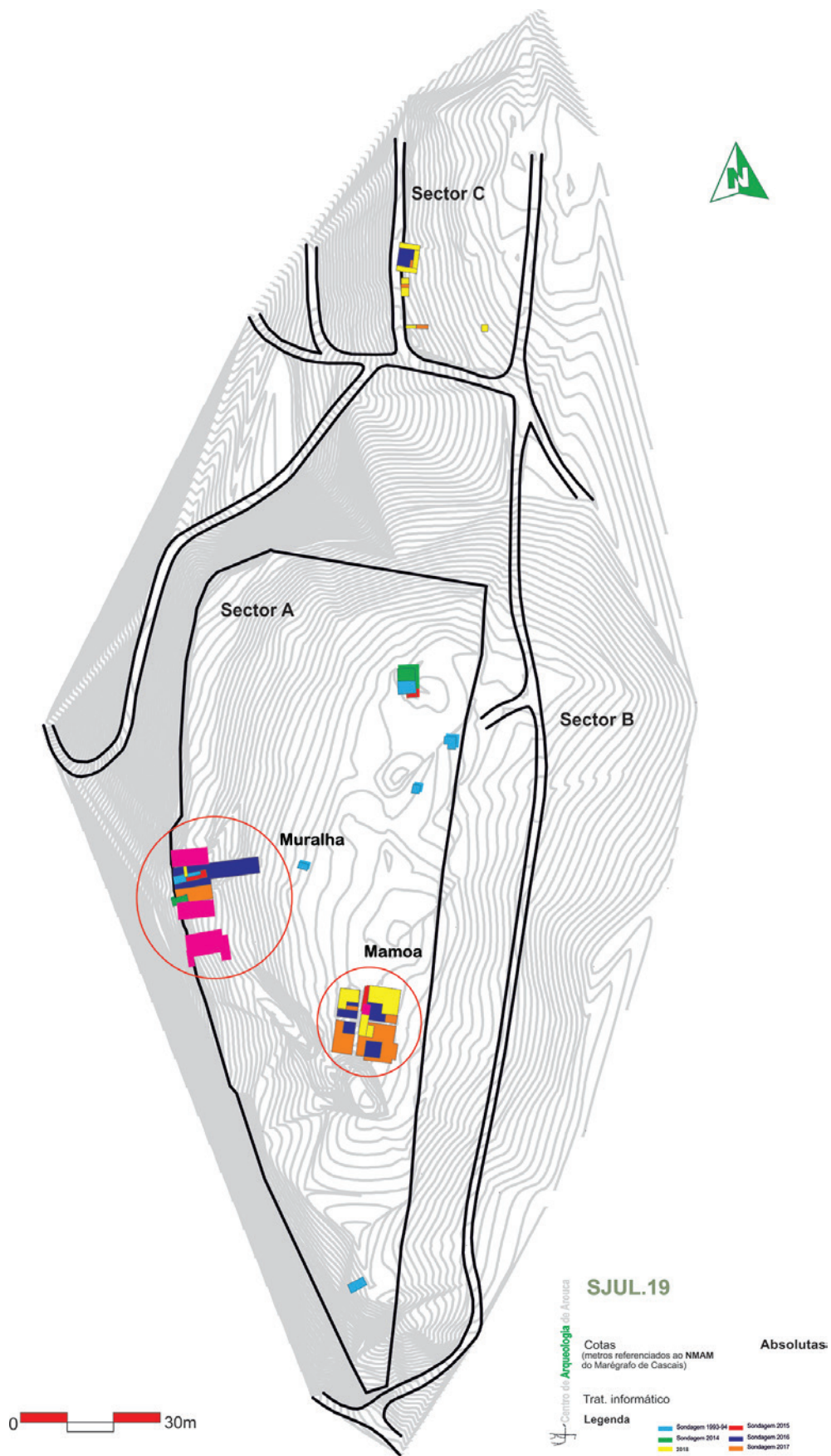


Figura 2 – Implantação das sondagens arqueológicas no sítio arqueológico (levantamento dos serviços de topografia da C. M. de Albergaria-a-Velha).



Figura 3 – Sector A. Mamoa de São Julião. Plano final 2019 (fotografia: Multimapa).

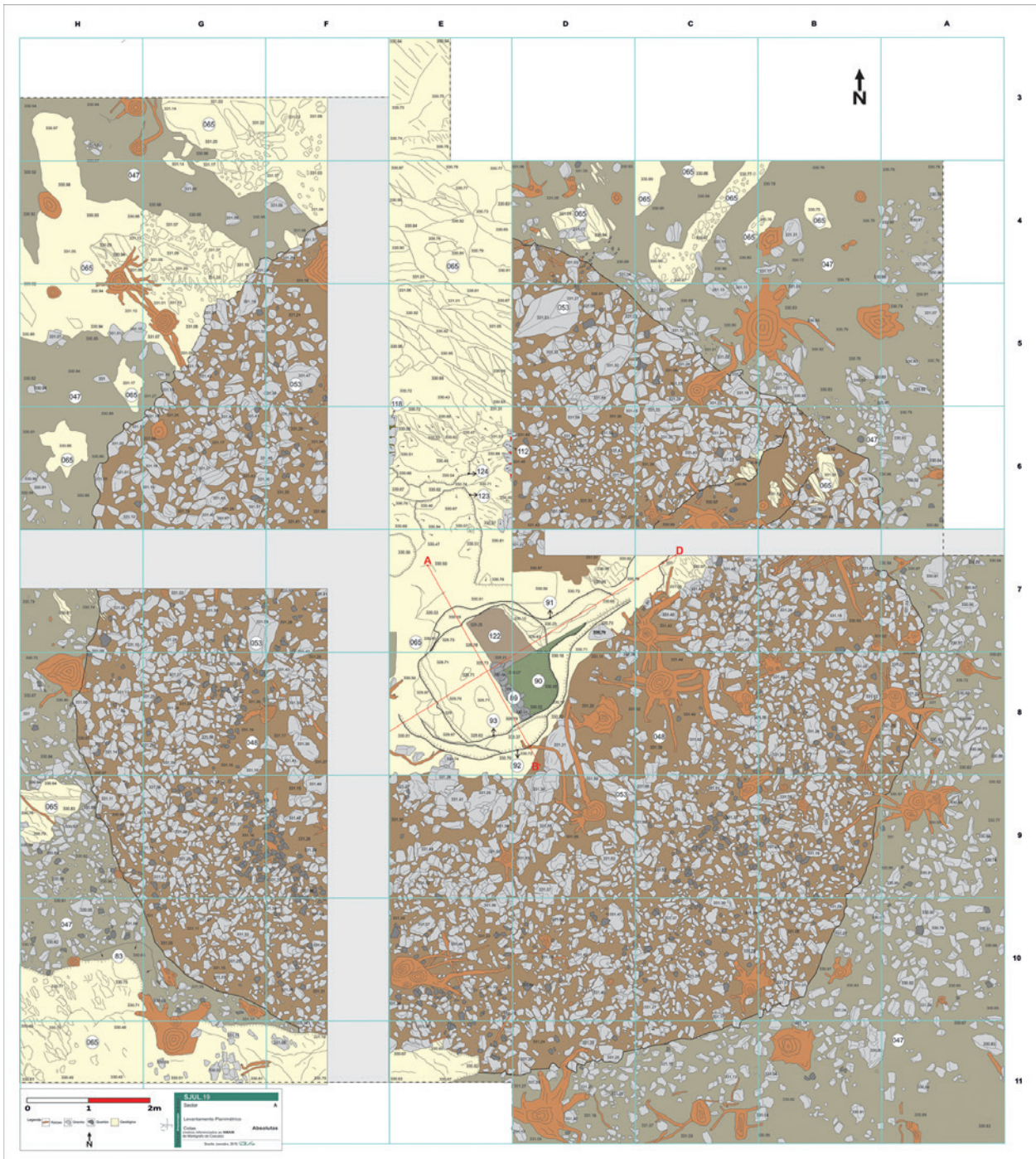


Figura 4 – Sector A. Mamoá de São Julião. Plano final 2019.



Figura 5 – Sector A. Mamoia 1 de São Julião. Fossa central.



Figura 6 – Sector A. Estrutura de delimitação. Plano final 2019 (fotografia: Multimapa).

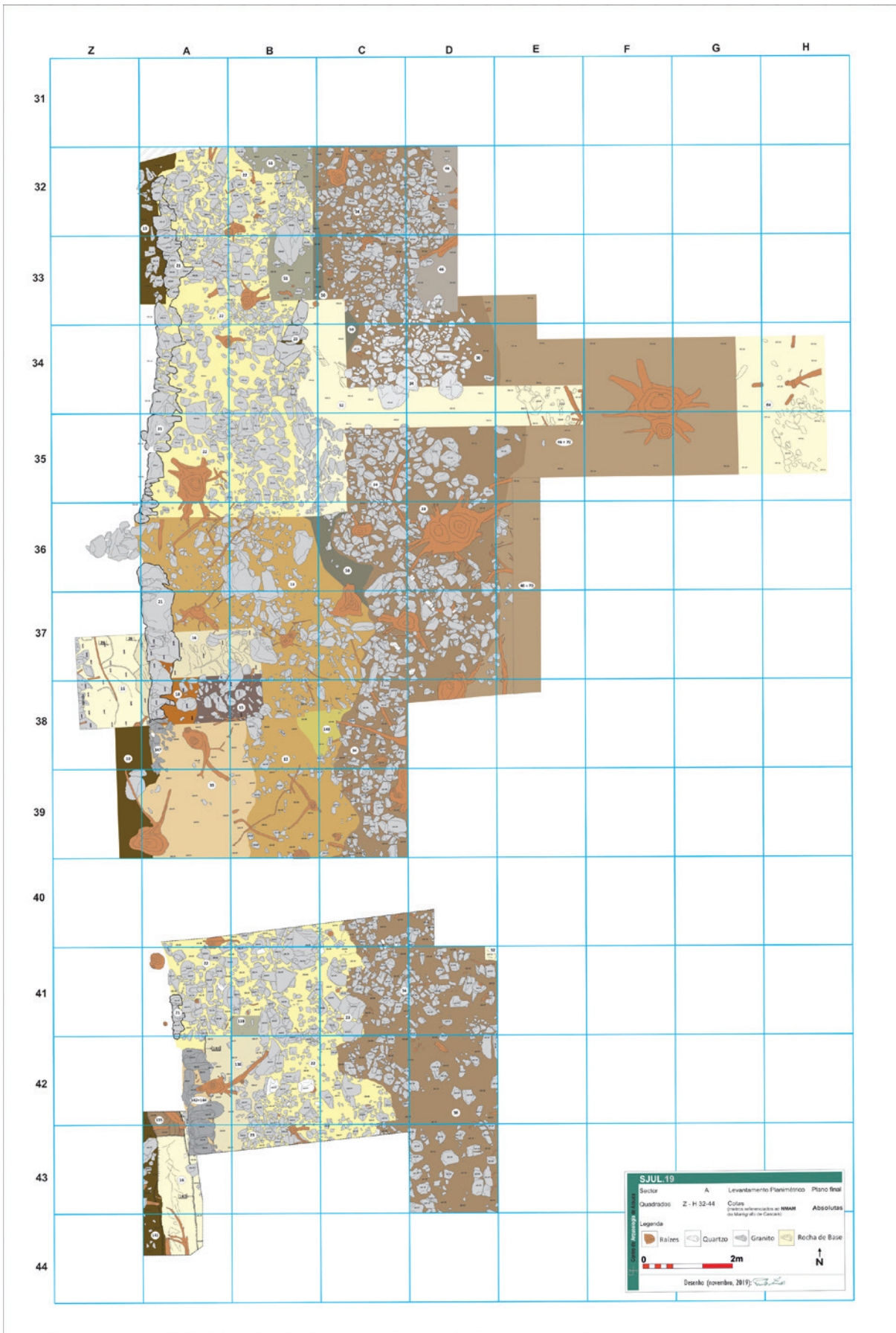


Figura 7 – Sector A. estrutura de delimitação. Plano final (2019).



Figura 8 – Cerâmica de São Julião. (12 a 14 – desenhos: Amélia Marques/MDDS).



Figura 9 – Objetos líticos e metálicos de São Julião. (Fotos 12, 14, 15 e 16: M. Santos/MDDS).

Nº Lab	Contexto	Material	σ (13C) per mil	Fraction of modern		BP	1 sigma	OxCAL 4.2 [1]		Calib Rev 7.0.4 [2]			CalPal_2007 _HULU [3]
				pMC	1σ error			1σ	2σ	1σ	2σ	Probab. Mediana	Calendric Age Cal BP
			68.2% probability					95.4% probability	68.3% probability	95.4% probability	68%		
D-AMS 8883	Sd 2 UE 026	Carvão <i>arbutus unedo</i>	-21.3	70.98	0.26	2753	29	920BC (68.2%) 843BC	<b>976BC</b> (95.4%) <b>826BC</b>	920BC (46.3%) 887BC 884BC (53.7%) 844BC	975BC (07.1%) 951BC <b>945BC</b> (92.9%) <b>827BC</b>	-891	893 ± 35
D-AMS 033464	Sect. C UE 075	Sementes <i>Triticum sp.</i>	n.i.	70.76	0.27	2778	31	978BC (64.6%) 894BC 864BC (3.6%) 857BC	<b>1002BC</b> (95.4%) <b>842BC</b>	977BC (95.1%) 895BC 864BC (4.9%) 857BC	<b>1002BC</b> (100%) <b>843BC</b>	-925	930 ± 44

[1] OxCal v4.2.4 Bronk Ramsey (2013); r:5; IntCal13 atmospheric curve (Reimer et al 2013); OxCal v4.2.4 Bronk Ramsey (2013); r:5

[2] RADIOCARBON CALIBRATION PROGRAM\*. CALIB REV7.1.0. Copyright 1986-2018 M Stuiver and PJ Reimer. \*To be used in conjunction with: Stuiver, M., and Reimer, P.J., 1993, Radiocarbon, 35, 215-230. Reimer PJ, Bard E, Bayliss A, Beck JW, Blackwell PG, Bronk Ramsey C, Buck CE, Cheng H, Edwards RL, Friedrich M, Grootes PM, Guilderson TP, Hafflidason H, Hajdas I, Hatté C, Heaton TJ, Hogg AG, Hughen KA, Kaiser KF, Kromer B, Manning SW, Niu M, Reimer RW, Richards DA, Scott EM, Southon JR, Turney CSM, van der Plicht J.

[3] quickcal2007 ver.1.5. Monrepos. Archäologisches Forschungszentrum und Museum für menschliche Verhaltensevolution. <http://www.calpal-online.de>  
n.i. - não indicado

Quadro 1 – Datações absolutas, calibradas, do povoado de São Julião da Branca.



**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

**MAC**  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

**CITCEM**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**U** PORTO  
FLUP FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

**musaji**  
Associação de Amadores de Arqueologia do Porto

